



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
PEDAGOGIA**

**GISLAINE LUNA MAZON
MELISSA GUARNIERI**

**A ADAPTAÇÃO E O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O PAPEL DA COMUNIDADE ESCOLAR**

CHAPECÓ

2017

GISLAINE LUNA MAZON

MELISSA GUARNIERI

**A ADAPTAÇÃO E O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
O PAPEL DA COMUNIDADE ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de graduação como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof.º Me. Alexandre Paulo Loro.

CHAPECÓ

2017

GISLAINE LUNA MAZON

**A ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DA
COMUNIDADE ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao programa de Graduação em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia, defendido em banca examinadora em 25/07/2017

Orientador (a): Prof. Dr. Alexandre Paulo Loro

Aprovado em: 25/07/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alexandre Paulo Loro – UFFS



Prof. Dr. Andréa Simões Rivero – UFFS



Prof. Ma. Dariane Carlesso – UFFS

Chapecó/SC, julho de 2017

MELISSA GUARNIERI

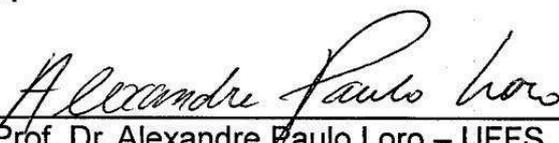
**A ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DA
COMUNIDADE ESCOLAR**

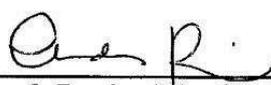
Dissertação apresentada ao programa de Graduação em Pedagogia da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia, defendido em banca examinadora em 25/07/2017

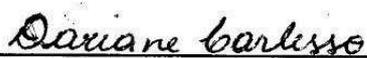
Orientador (a): Prof. Dr. Alexandre Paulo Loro

Aprovado em: 25/07/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Alexandre Paulo Loro – UFFS


Prof. Dr. Andréa Simões Rivero – UFFS


Prof. Ma. Dariane Carlesso – UFFS

Chapecó/SC, julho de 2017

A ADAPTAÇÃO E O ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PAPEL DA COMUNIDADE ESCOLAR

Gislaine Luna Mazon¹

Melissa Guarnieri²

RESUMO

Nas escolas é comum professoras e pais ficarem ansiosos nos primeiros dias de aula do ano letivo, pois têm dificuldade em como proceder com os alunos pequenos que estão ingressando pela primeira vez na educação infantil. O objetivo desse estudo é abordar como acontece a adaptação e o acolhimento da criança no ambiente escolar da educação infantil com ênfase para o papel da comunidade escolar. A criança se adaptará à escola no momento em que todos tenham consciência de sua participação; sendo assim, este trabalho de conclusão de curso, de caráter exploratório, utilizou o método de pesquisa bibliográfica, em que como fonte de pesquisa foram consultadas bases de dados de periódicos nacionais, além de livros e outras fontes de divulgação. Desse modo, esse período costuma ser desafiador, que demanda conhecimentos e estudos sobre todo o processo. Em vista disso, compreende-se que não depende apenas a criança adaptar-se ao novo ambiente, mas de como ela é acolhida.

Palavras-chave: Adaptação. Acolhimento. Educação infantil. Criança. Comunidade escolar.

ABSTRACT

In school it is common for teachers and parents get anxious on their children's first day because they find it difficult to know how to proceed with young students who are just staring in child education. The aim of this study is to approach how the adaptation and child's reception happens into the school environment in child education, with emphasis on the community role. The child will adapt to school as soon as everybody is conscious of their participation; therefore, this completion of course work, which is exploratory, has used the bibliographical research, on which national periodic datas were analysed as research source, besides books and other disclosure sources. Thereby, that period is usually challenging, which demands knowledge and study about the whole process. Concerning to, we understand that it is not only up to the child to adapt to a new environment, but how the child is welcome to it.

Keywords: Adaptation. Reception. Child Education. Child. School Community.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus de Chapecó. *E-mail:* <gisaluna@yahoo.com.br>.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus de Chapecó. *E-mail:* <mel15_guarnieri@hotmail.com>.

RESUMEN

En las escuelas es común profesores y padres ansiosos en los primeros días de clase del año lectivo, pues tienen dificultades en cómo proceder con los alumnos pequeños que están ingresando por primera vez en la educación infantil. El objetivo de este estudio es abordar como ocurre la adaptación y el acogimiento del niño en el ambiente escolar de la educación infantil con énfasis para el papel de la comunidad escolar. El niño se va a adaptar a la escuela en el momento en que todos tengan consciencia de su participación, así siendo, este trabajo de conclusión de curso, de carácter exploratorio, utilizó el método de investigación bibliográfica, lo cual como fuente de pesquisa fueron consultadas bases de datos de periódicos nacionales, además de libros y otras fuentes de divulgación. De este modo, este periodo se acostumbra desafiador, que demanda conocimientos de estudios sobre todo el proceso. En vista de esto, comprender que no depende solo del niño la adaptación al nuevo ambiente, pero de toda la acogida.

Palabras clave: Adaptación, Acogimiento Educación infantil Niños, Comunidad escolar.

1 INTRODUÇÃO

A transição da criança de casa para escola é um momento marcante na sua vida, pois, possivelmente, esse será o primeiro distanciamento do laço familiar. Refletindo em como acontece esse processo, o presente estudo foi desenvolvido na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* de Chapecó, no período do segundo semestre de 2016 e primeiro semestre de 2017, como trabalho final do curso de Pedagogia. Por meio de experiência em nossos estágios obrigatórios e não obrigatórios, ao longo de nossa vida acadêmica, percebemos como professores e pais têm dificuldade de como proceder nesse momento de ingresso da criança na escola de educação infantil. Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo geral discutir o processo de adaptação e acolhimento das crianças no ambiente escolar. Objetivamos, especificamente, refletir sobre a transição da criança ao sair de um grupo social específico (família³) para ingressar em outro desconhecido (escola); e destacar a contribuição que a comunidade escolar⁴ exerce nesse processo.

Com base nos objetivos, podemos refletir em como proceder frente às sensações de insegurança e medo que muitas famílias e crianças sentem diante desse processo. Qual o papel da comunidade escolar no processo de adaptação e acolhimento da criança? Essas questões apontam para a importância da organização e do planejamento no ingresso das crianças na instituição, tendo em vista que as formas de as receber e atendê-las nos primeiros dias, assim como seus familiares, irão demarcar boa parte da relação que será vivenciada ao longo do ano.

Desse modo, o trabalho desenvolvido seguiu os preceitos do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008, p. 50), “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”. Delimitamos nossa pesquisa e artigos adquiridos ao longo do curso e periódicos nacionais. Para facilitar a leitura e compreensão, organizamos o texto em quatro tópicos. No primeiro tópico abordaremos a concepção de infância que é construída todos os dias, de modo a estar se adaptando às problemáticas e situações do dia a dia, dentro de um sistema de garantias e de seu

³ Compreendemos o conceito de família como algo complexo, em sentido mais amplo, o de arranjos familiares, ou seja, as diversas composições familiares que vão além do padrão consanguíneo: pai, mãe e filhos. Este conceito é elaborado por Fonseca (2005, p. 56), a partir de estudo sobre concepções de família e práticas de intervenção. A autora observou que os voluntários de sua pesquisa não consideravam suas famílias desestruturadas, mesmo que estas fossem compostas além do ideal normativo e, portanto, instaurava-se a necessidade de entender “outras possíveis estruturas familiares” que ordenam as práticas e dão sentido à existência.

⁴ Compreendemos comunidade escolar como a parceria entre instituição, professores, família e criança. A discussão nesse texto assume a ideia que a criança, família e instituição de educação infantil mantem relações entre si, resultado de determinações históricas e sociais.

reconhecimento como sujeitos de direitos e o surgimento da educação infantil como assistência às mulheres que ingressavam no mercado de trabalho. No segundo tópico dialogaremos sobre o processo de transição que tanto as crianças, quanto os adultos vivenciam ao serem inseridas em outras instituições sociais que não conheciam. No terceiro tópico destacaremos o papel da comunidade escolar como colaboradores no processo de adaptação e acolhimento que as crianças e todos os envolvidos participam. Por fim, o último tópico será destinado às considerações finais.

2 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA E O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O conceito de infância vem se modificando historicamente de sociedade para sociedade ao longo do tempo. As leis se modificaram e aos poucos a criança foi conquistando um lugar na sociedade, já que em alguns momentos da história eram inexistentes. Como descreve Arroyo (1994, p. 18), durante muitos séculos a infância não foi sujeito de direitos. Ela era simplesmente algo à margem da família e só era considerada sujeito quando chegava à idade da razão. Hoje, a criança, pelo seu momento social, já é considerada pela sociedade como alguém que tem sua própria identidade e direitos.

A infância é uma construção histórica e social, fruto dos avanços no desenvolvimento da sociedade. Segundo Ariès (1981), a sociedade medieval desconhecia a infância, ou seja, não a representava em suas produções culturais de modo que identificássemos seus traços peculiares. Sendo assim, quando nos remetemos às obras de artes do século XII, as crianças são representadas com características eminentemente adultas, são pessoas cujo tamanho é apenas reduzido e o formato do corpo são os de um adulto, e não o de uma criança.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. Uma miniatura otomiana do século XI nos dá uma ideia impressionante da deformação que o artista impunha aos das crianças, num sentido que nos parece muito distante de nosso sentimento e de nossa visão. (ARIÈS, 1981, p. 17).

Refletindo sobre a citação de Ariès (1981), podemos perceber que a sociedade considerava as crianças como adultos “imperfeitos”, e assim que tinham condições de sobreviver sem as mães, começavam a participar da comunidade e adquiriam um ofício. Os cuidados que as crianças recebiam eram poucos e nem sempre garantiam sua sobrevivência. Na convivência entre adultos e crianças não havia delimitações de espaço e comportamentos, pois

as crianças participavam de todos os momentos cotidianos, já que não havia preocupações em poupá-las do perigo, das doenças, de comportamentos obscenos ou de violência.

No final do século XVII começa-se a desenvolver um sentimento novo no ambiente familiar em relação à infância, a criança passa a ser o centro das atenções e a família vai lhe conferindo maior importância. Assim,

[...] a partir de um longo período e, de um modo definitivo, a partir do século XVII, se produz uma mudança considerável: começa a se desenvolver um sentimento novo com relação à 'infância'. A criança passa a ser o centro das atenções dentro da instituição familiar. A família gradualmente vai organizando-se em torno das crianças, dando-lhes uma importância desconhecida até então: já não se pode perdê-las ou substituí-las sem grande dor, já não se pode tê-las em seguida, precisa-se limitar o seu número para poder atendê-las melhor. (KOHAN, 2005, p. 66).

Dessa forma, a criança começou a ter mais atenção e cuidado da família, mas a inserção da mulher no mercado de trabalho provocou mudanças sobre o cuidado da criança ser restritamente familiar, precisando de um ambiente onde as crianças pudessem permanecer enquanto suas mães trabalhavam. Sendo assim, as creches passaram a ter maior atenção pelo governo no século XX, em que a educação infantil foi incorporada ao Ministério da Educação (MEC) em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/1996).

O atendimento às crianças no Brasil apresentou maior significação nas últimas décadas do século XX, quando a criança passou a ser objeto de políticas governamentais de caráter mais abrangente: a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 trouxeram uma nova concepção de infância: a criança como sujeito de direito (FURLANETTO, 2006, p. 8).

Dentro desse reconhecimento, de modo a compreender a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, faz-se necessário apresentar os direitos reconhecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, com ênfase na Proposta Curricular de Santa Catarina – PCSC (SANTA CATARINA, 2005), que se caracterizam como: Direito à vida e à saúde; Direito à liberdade, ao respeito e à dignidade; Direito à convivência familiar e comunitária; Direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer; Direito à profissionalização e à proteção ao trabalho.

Conforme essa análise temporal, em que a criança adquire direitos, podemos compreender que a infância é construída todos os dias adaptando-se às problemáticas e situações do dia a dia dentro de um sistema de garantias e de reconhecimento como sujeitos de direitos.

Ao pensarmos na infância como algo que muda constantemente de acordo com a história, época e cotidiano vivido de cada indivíduo, a PCSC nos mostra que o currículo escolar precisa atender a maioria das necessidades das crianças.

O que se objetiva nas aprendizagens do sujeito por meio de um currículo que privilegie as ações de educação integral é a permanência de práticas que se renovem e sejam mediadas pelo entorno histórico, social e cultural, nas quais se reconheçam seus conhecimentos prévios como ponto de partida, permitindo a instauração de aprendizagens e vivências que sustentem a organização de compreensões e, pela generalização dos conceitos, amparem novas aprendizagens. (SANTA CATARINA, 2014, p. 43).

É preciso proporcionar espaços para as crianças desenvolverem autonomia, realizando suas escolhas, seus desejos e para que participem no que se refere às atividades de seu ambiente escolar. Nestas interações e trocas de opiniões é que a criança vai construindo sua identidade e sua maneira de ser. Segundo Guimarães (2003, p. 30), “[...] a identidade pressupõe um processo de interação entre indivíduo e sociedade, capaz de fornecer as condições para que uma nova situação diferencial se estabeleça.” Ou seja, essa troca e essa socialização de ideias entre as crianças favorecem novos aprendizados e suas construções de identidade.

Sendo assim, a escola de educação infantil geralmente é a primeira transição da criança fora do ambiente familiar, em que passa a ser inserida em um novo ambiente institucional. Nesse sentido, é preciso que sejam proporcionadas oportunidades para desenvolver todas as suas potencialidades, na condição de crescer e se desenvolver, almejando sua própria realização.

Desse modo, compreendemos que a concepção reconhece o que é específico da infância, seu poder de imaginação, fantasia e criação, pois conforme Kramer nos diz, 1995 (271-272): “As crianças são sujeitos sociais e históricos marcados pelas condições da sociedade em que vivemos (..) as crianças como cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas (...) esse modo de ver as crianças pode ensinar não só a compreender as crianças, mas também a ver o mundo do ponto de vista da criança”.

3 TRANSIÇÃO DA CRIANÇA DE CASA PARA A ESCOLA

Passamos o dia em processos de transição: do estado de sono ao de vigília, da roupa confortável à de trabalho, do ambiente protetor de casa ao espaço público. Durante um único dia, passamos por muitas dessas transições quase que automaticamente, sem termos de pensar sobre elas. Pensamos que, para as crianças, essas transições são mais difíceis que para nós adultos, e ainda assim exigimos que elas aceitem sem resistir. As resistências podem ser

encaradas pelos adultos como teimosia, transgressão ou rebeldia. Contudo, o que as crianças precisam é da intervenção colaborativa para que, aos poucos, assimilem as transições.

Conforme o documento *Brinquedos e brincadeiras de creche: manual de orientação pedagógica*, produzido pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2012, p. 61), “[...] as transições ou mudanças são muito difíceis para toda criança. Há transições de uma atividade para outra, de um ano a outro, no interior de uma creche e entre instituições.” E uma das passagens mais difíceis que as crianças têm de fazer diariamente é entre a casa e a escola. Elas passam de um ambiente com normas e princípios próprios, onde elas têm todas as atenções, para estar em outro com normas e princípios coletivos, em que ela é uma entre outras crianças. Para que a transição seja realizada é necessário que a escola tenha um projeto de adaptação e acolhimento elaborado. Assim, as crianças sairão do papel de filho/a e passarão para o papel de aluno/a.

Os indivíduos passam por diversas experiências em instituições educacionais ao longo da vida. As instituições foram criadas e mantidas antes mesmo do nascimento das crianças e estas, ao nascerem, deparam-se com vários conjuntos de regras e normas que regem as suas condutas. Uma dessas instituições é a família, a primeira instituição social, porém, não é a única que influencia na vida do bebê. Desde cedo, as crianças pequenas começam a interagir em diversos locais institucionais, tais como a comunidade ao redor, campos educacionais, como a creche, campos religiosos, como as igrejas (CORSARO, 1997). Portanto, as crianças e os adultos vivenciam momentos de transição ao serem inseridas em outras instituições que não conheciam antes em um constante processo de acolhimento e socialização ao longo da vida.

Sendo assim, diante da ideia de que a creche é uma possibilidade no cuidado e educação de crianças pequenas, todos os envolvidos passam por uma transição significativa. A família passa a não conviver com o bebê/criança em período integral como acontecia antes; a criança deixa de ter apenas a referência familiar e começa a interagir com outras pessoas fora do espaço doméstico de forma rotineira; e os profissionais passam por um processo de conhecimento e acolhimento em relação às novas crianças que estão chegando naquele momento.

É preciso entender que, ao iniciarem sua vida escolar, as crianças têm uma história de vida. Cada família carrega consigo suas crenças, seus costumes e é desejável que a professora desenvolva uma sensibilidade para levar em consideração as experiências vividas pelas crianças e bagagem que ela traz até o momento. Os professores, por sua vez, podem ajudar as crianças e seus pais a se distanciarem de uma forma segura, transmitindo-lhes um sentimento de compreensão nas suas maneiras de lidar com o processo de distanciamento.

O momento inicial da criança na creche é muito importante, pois ela sai de seu lar e entra para creche, que representa um ambiente de socialização com mais pessoas, outras rotinas

e atividades diversificadas. Esse momento inicial era planejado sem levar em consideração as características singulares de cada criança. Estar integrado representava um processo igual para todos, em que as crianças viveriam essa experiência todas da mesma forma.

Pensando no ingresso da criança na creche, faz-se necessário entender o que significa a palavra adaptação. Segundo Seabra e Sousa (2010), o termo “adaptação” significa uma acomodação ou um ajustamento, subtendendo-se uma submissão a uma determinada situação, seja ela favorável ou não. Nessa perspectiva, percebemos que adaptação não é o termo mais adequado a se usar para nos referirmos ao ingresso da criança na instituição escolar, sendo assim, sugerimos integrar a esse conceito o acolhimento, que tem o papel de realizar uma adaptação mais favorável às crianças, em que todo o planejamento deve ser a partir delas.

A adaptação pode ser entendida como o esforço que a criança realiza para ficar, e bem, no espaço coletivo, povoado de pessoas grandes e pequenas desconhecidas. Onde as relações, regras e limites são diferentes daqueles do espaço doméstico a que ela está acostumada. Há de fato um grande esforço por parte da criança que chega e que está conhecendo o ambiente da instituição, mas ao contrário do que o termo sugere não depende exclusivamente dela adaptar-se ou não à nova situação. Depende também da forma como é acolhida. (ORTIZ, 2000, p. 3).

A definição de acolhimento, de acordo com Ferreira (2008 *apud* SEABRA; SOUSA, 2010), é a de receber alguém bem ou mal ou, ainda, de hospedar, agasalhar, aceitar, abrigar, refugiar. Entende-se, assim, que acolher a criança na educação infantil significa recebê-la e aceitá-la, de modo que ela possa se sentir abrigada, refugiada, amparada, protegida e, de fato, acolhida. Para realizar o acolhimento das crianças, na perspectiva dos referidos autores, a instituição de educação infantil deve planejar o processo de adaptação de acordo com as suas concepções de educação e da criança, levando em consideração a sua realidade, pois existem diferenças sociais e econômicas que particularizam as escolas infantis.

O acolhimento das crianças nos primeiros dias de aula não deve ser algo que aconteça apenas quando a criança ingressa na escola, mas que deve fazer parte do dia a dia da instituição de educação infantil. É o que explica Ortiz:

O acolhimento traz em si a dimensão do cotidiano, acolhimento todo dia na entrada, acolhimento após uma temporada sem vir à escola, acolhimento quando algum imprevisto acontece e a criança sai mais tarde, quando as outras já saíram, acolhimento após um período de doença, acolhimento por que é bom ser bem recebida e sentir-se importante para alguém. (ORTIZ, 2000, p.4)

O acolhimento consiste em fazer a criança se sentir bem, segura, cuidada, querida e protegida diante de toda e qualquer situação dentro do ambiente escolar em que se encontra,

levando em consideração a chegada à escola pela primeira vez. Portanto, adaptar-se a uma nova situação não é uma tarefa fácil, sobretudo, quando entendemos que a adaptação não é somente da criança, mas também da família, do professor e todos os que estão envolvidos na mudança. Para ser bem adaptada, ela precisa ser um processo de construção conjunta, a instituição e família devem se comunicar e trabalhar juntas (GRIEBEL; NIESEL, 2010).

Ao escolher uma escola, os pais também estão escolhendo valores e crenças, querem que seu filho faça parte da cultura daquela instituição. Os pais passam por uma transição e também se preocupam com seu próprio papel na educação da criança. Os professores, além de passar por essa transição, também têm o desafio de garantir que as pessoas participem e se comuniquem de uma maneira compreendida por todos. A família e as crianças querem informações e oportunidades suficientes e acessíveis para compreender o ambiente escolar, seu currículo e onde eles se encaixam na organização.

Entendemos que, de acordo com Martins Filho (2006), a adaptação é um processo de socialização construtivo entre pares educativos (pais, crianças, professores e instituição), é um espaço de relações, mediações e interações dialógicas para todos os envolvidos diretos e indiretos no processo. Segundo Reda e Ujii (2009), quando falamos em adaptação, devemos considerar que sempre que enfrentamos uma situação nova, esse processo se desencadeia.

Um cuidado especial com os processos de adaptação tem sido considerado importante pela comunidade escolar para garantir um atendimento de qualidade, capaz de propiciar boas condições para um desenvolvimento integral e sadio das crianças, principalmente do ponto de vista social e emocional. O processo de adaptação que ocorre nas creches deve considerar a relação de diferentes pessoas, com diferentes papéis sociais. Todos envolvidos nesse processo, a criança, a família e escola, vivenciam com interesses e características variáveis frente à mesma situação. O modo como a família reage frente ao distanciamento/separação da criança e como a escola a acolhe influenciará nas suas reações no período de adaptação. Como afirma Balaban (1988, p. 25), a separação é uma experiência que ocorre em todas as fases da vida humana.

A separação afeta as crianças. Afeta os pais. Faz brotar sentimentos nos professores. O início da vida escolar pode ser uma ocasião excitante ou também uma ocasião agradável. Junto com aqueles que realmente estão encantados por estarem iniciando sua vida escolar, existem frequentemente outras crianças chorando ou pais tensos e nervosos. (BALABAN, 1988, p. 24).

A maneira como a família vê a entrada do filho pequeno na creche exerce uma influência marcante sobre a reação da criança. A relação intensa entre eles determinará que muitas emoções da mãe/pai/responsável nesse momento serão percebidas e expressadas no

comportamento da criança. Quando a família concebe a creche como uma alternativa plenamente viável para partilhar a educação que seu filho recebe em casa, a relação entre as duas partes é mais fácil. Para Reda e Ujiie (2009), a adaptação escolar é um processo que vai exigir tanto da criança, que busca adequar-se a essa nova realidade social, e de seus pais, quanto do educador e da instituição, que precisam se preparar para recebê-la.

O processo de adaptação tem vida, ele se move de acordo com o sentimento e as percepções das pessoas nele envolvidas. O que toca e encanta, o que prende a atenção da criança, é a descoberta que fará o professor no contato com ela. Este contato é dinâmico, se dá através do olhar, do toque, do tom de voz, da brincadeira e da imaginação que aparece sempre vestida de faz de conta.

Segundo Cox (2004), em relação à adaptação:

Uma criança é considerada bem-sucedida na escola quando desenvolve uma atitude positiva em relação à escola e à aprendizagem; quando estabelece vínculos sociais aprovatórios com professores e colegas, quando vivencia emoções confortáveis e positivas, e não ansiedade ou solidão, quando participa e se envolve positivamente em sala de aula, e quando progride em termos escolares. (COX, 2004, p. 2)

Sendo assim, é papel de toda comunidade escolar colaborar para que esse processo ocorra de maneira adequada, para que todos os envolvidos se adaptem ao ambiente novo e rotina nova. Isso porque o processo de adaptação se inicia com o nascimento, nos acompanha no decorrer de toda a vida e ressurge a cada nova situação que vivenciamos.

4 O PROCESSO DE ACOLHIMENTO DA CRIANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR

As crianças, por meio de diferentes linguagens, se expressam no cotidiano, no convívio familiar e social, construindo sua cultura e identidade infantil. No período da adaptação escolar, a criança estabelece vínculos iniciais com a escola. É o seu primeiro contato mais intenso em um local diferente daquele que a criança vive em casa. Na escola, ela vai viver e partilhar tudo com um grupo de outras crianças, e com adultos que não são aqueles de seu convívio familiar.

A creche é um dos contextos de desenvolvimento da criança. Além de prestar cuidados físicos, ela cria condições para o seu desenvolvimento cognitivo, simbólico, social e emocional. O importante é que a creche seja pensada não como uma instituição substituta da família, mas como ambiente de socialização diferentes do familiar. Nela se dá cuidado e a educação de crianças, que aí vivem, convivem, exploram, conhecem, construindo uma visão de mundo de si mesmas, constituindo-se como Sujeitos. (OLIVEIRA, 2002, p. 64).

Para facilitar o processo de adaptação, algumas práticas podem ser realizadas pela comunidade escolar (instituição, professores e pais). Usamos como suporte o documento *Parâmetros Nacionais de qualidade para a Educação Infantil* (BRASIL, 2006) e o artigo “Adaptação e Acolhimento: um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição”, de Ortiz (2000), para alguns apontamentos que faremos a seguir.

Antes de começar as aulas é importante a instituição propor reuniões com pautas pertinentes para ajudar no processo de adaptação e acolhimento, disponibilizando leituras sobre o assunto e fazendo discussões sobre os mesmos. Assim, ajudam os professores em suas inquietações sobre este período. Nicolau (2003) afirma que cabem às instituições de educação infantil preocupar-se especialmente com a criança e, através dela, atuar junto às famílias, construindo parceria educativa, para que estas consigam atingir uma consciência crítica acerca dos problemas a serem enfrentados e serem discutidos não somente no processo de adaptação, mas para além dele, na superação de dificuldades emocionais, cognitivas e psicomotoras.

Essa preparação começa mesmo antes da criança ser inserida nessa nova etapa de sua vida. De acordo com Barbosa *et al.* (2009), o primeiro passo para a adaptação é fazer uma reunião com os pais das crianças antes do início letivo, principalmente as que estão no início de sua escolarização, “[...] buscando evitar possíveis acidentes ou perturbações a criança referentes ao sono, alimentação, bem-estar e eventuais doenças; promovendo uma maior integração creche/família na construção desse processo.” (BARBOSA *et al.*, 2009, p. 7). Fazendo esta reunião, a equipe escolar conhecerá a família e o contexto em que a criança está inserida, explicando sobre como acontece a adaptação e o acolhimento, e como eles podem ajudar nos primeiros dias de aula. Dessa forma, deixa-se claro que o choro faz parte deste processo e que a presença de um responsável é importante para que ela se sinta segura, mostrando que a equipe estará disposta a escutar e tirar as dúvidas a qualquer momento durante o ano.

A organização do ambiente escolar, a preparação dos profissionais que irão lidar com essas crianças e os familiares é de fundamental importância para que a efetivação da adaptação à vida escolar seja um momento positivo nos aspectos enfocados. O planejamento, desde o conhecer dessa criança, através de entrevistas e questionários destinados às famílias, à organização de atividades e do próprio espaço pelo qual a criança está inserida ou vai se inserir merece cuidado. (REDA; UJIIE, 2009, p. 10.086).

A equipe escolar pode utilizar alternativas para que a adaptação das crianças ocorra de maneira mais dinâmica e significativa. Rapoport e Piccinini (2001) afirmam que adaptação pode ocorrer aos poucos, assim nos primeiros dias as crianças podem permanecer apenas algumas horas

na instituição e depois de alguns dias ficar o período necessário. Outra possibilidade é a realização de um calendário combinado entre a escola e a família, para que não haja muitas crianças no período de adaptação, fazendo primeiro a adaptação de um grupo pequeno de crianças e depois de outro. Assim, os profissionais conseguem oferecer mais atenção para elas.

Os profissionais da infância precisam planejar e organizar a adaptação infantil, não resistindo a mudanças que ocorrem neste período, respeitando a criança e sua família, estabelecendo uma relação entre todos os profissionais da escola e a família da criança que vai começar a frequentar o ambiente escolar para que esta se sinta acolhida por todas as pessoas envolvidas neste processo. (MENON; CORSO, 2012, p. 8).

Para ajudar no processo de adaptação da criança e da família à creche, o/a professor/a precisa ter conhecimento sobre o processo, tendo consciência de que para a família ele é um estranho, que passará a ter um papel fundamental na vida da criança, podendo colaborar significativamente para o crescimento de muitas potencialidades humanas. Para isso, poderão organizar o espaço da sala de aula que seja acolhedor e agradável, pois, para Ujiie (2005), a sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam e a infância é a fase emocional por excelência. Dessa forma, cabe ao professor uma atitude mediadora, capaz de gerenciar a ação educativa, o processo de adaptação, a dinâmica de ensino e aprendizagem e a socialização que envolve crianças e pais, propondo às crianças novidades e atividades diferenciadas a cada dia, mantendo sua atenção.

Os pais precisam estar muito seguros do que realmente querem (deixar a criança na escola), pois terão de se manter firmes e não ceder a ‘chantagem’ dos pequenos que tentam de todas as maneiras manipulá-los.

A presença dos pais, ou de alguém que os substitua, é fundamental no processo e pode variar entre alguns dias e semanas. A experiência de cuidar na creche/escola de infância gera na criança um sentimento de segurança que se mantém, mesmo quando os pais estão ausentes, e dá às professoras a possibilidade de aprender com os pais sobre as crianças. (PANTALENA, 2010, p. 20).

Tanto para a criança, quanto para o adulto, uma situação nova é uma posição incômoda, pois o indivíduo sai da sua zona de conforto. Enfrentar algo desconhecido é sempre uma condição estressante, independentemente da idade. Segundo Oliveira *et al.* (2001, p. 25), “[...] apesar de a Educação infantil ter um bom conceito atualmente em nossa sociedade, ainda há insegurança e relutância por parte das famílias em colocar seu filho na escola.” Desse modo, na medida em que estes conhecem o ambiente e a rotina da creche, têm maior oportunidade de adquirir confiança e estabelecer um vínculo afetivo com as pessoas que cuidam da criança.

Nessa descoberta do novo é necessário que pais e professores transmitam segurança para a criança, pois, como dizem Barbosa *et al.* (2009):

As dificuldades deste processo podem ser determinadas pelas relações que as crianças realizam com seus próximos. As que possuem pais e educadores seguros e confiantes terão melhores condições de enfrentarem um ambiente novo sem muitas dificuldades. Pais e educadores inseguros de suas funções neste processo interferem na segurança delas, e não dão espaço para a independência emocional e construção de sua identidade. (BARBOSA, 2009, p. 7)

Começar a frequentar uma creche ou mudar de turma são situações que impõem um processo de adaptação muitas vezes difícil, tanto para a criança, quanto para a família. As reações da criança a indivíduos e situações novas são muito influenciadas pela relação que pais, responsáveis ou familiares estabelecem com essa novidade. É fundamental ter em mente que a adaptação à educação infantil é um processo complexo e único, pois varia de criança para criança, sendo que cada uma possui suas particularidades e seu ritmo, é importante considerar a individualidade de cada uma. A contribuição de toda comunidade escolar para o processo de adaptação e acolhimento da criança é fundamental para que o processo conclua com êxito, pois ela só estará adaptada no momento em que se sentir acolhida e segura na escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do estudo possibilitou compreender a transição que a criança faz de casa/família para a escola de educação infantil, ampliando o conhecimento sobre as transições vividas na infância, com destaque para o processo de adaptação e acolhimento no início da vida escolar. Essa transição é incômoda tanto para a criança, quanto para o adulto, pois é uma situação nova que faz o indivíduo sair da sua zona de conforto.

Atualmente, as crianças deixam seus lares para ingressar na escola muito cedo. Este ingresso é um acontecimento significativo tanto para os pais, quanto para a criança. Desta forma, a adaptação ao novo mundo se faz necessária para todos aqueles que, de alguma maneira, estiverem envolvidos. E nestas adaptações cada criança tem sua própria maneira de reagir ao desconhecido: algumas, quando estimuladas e preparadas em casa, podem não apresentar tanta resistência. Porém, aquelas menos incentivadas e encorajadas por parte de sua família podem enfrentar certas dificuldades ocasionadas por diferentes situações, tornando o processo mais lento e árduo. Portanto, devemos compreender que a adaptação pode gerar muitos conflitos e medos, sendo necessário o suporte da família nesta fase inicial.

A adaptação da criança deve ser alicerçada pela segurança e permeada pelo conhecimento e envolvimento dos pais e professores. Isso porque o ingresso na educação infantil não depende apenas de a criança adaptar-se ao novo ambiente, mas depende de como ela é acolhida. O acolhimento constitui-se como um fator essencial na educação infantil, com a responsabilidade de tornar o processo de adaptação o mais natural, passando segurança para as crianças no ambiente escolar.

Sendo assim, o período de adaptação costuma ser um período desafiador, que demanda o professor buscar conhecimentos e estudos sobre todo o processo. Também é necessário ter consciência de que dificuldades diversas podem surgir, por isto é preciso estar preparado para poder enfrentá-las. Devido à importância do tema, torna-se necessário o desenvolvimento de pesquisas que visem o início da vida escolar da criança, para que professores e pais possam proceder da maneira mais adequada nesse processo de adaptação e acolhimento da criança no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ARROYO, M. G. O significado da infância. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 1., 1994, Brasília. **Anais...** Brasília: MEC, 1994.
- BALABAN, N. **O início da vida escolar: da separação à independência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BARBOSA, E. F. B. et al. **Adaptação: uma questão de planejamento creche-família**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- _____. Ministério da Educação. **Brinquedos e brincadeiras de creche: manual de orientação pedagógica**. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12451-publicacao-brinquedo-e-brincadeiras-completa-pdf&category_slug=janeiro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 13 jan. 2017.
- CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F.; FERREIRA, I. M. **Creches e Pré-escolas no Brasil**. São Paulo: Cortez; Fundação Carlos Chagas, 1995.
- CORSARO, W. A. **The sociology of childhood**. California: Pine Forge Press, 1997. 384 p.
- COX, M. J. Transições escolares/prontidão escolar: um resultado do desenvolvimento na primeira infância. **Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância**, fev. 2004. Disponível em: <<http://www.encyclopedia-crianca.com/transicao-escolar/segundo-especialistas/transicoes-escolaresprontidao-escolar-um-resultado-do-0>>. Acesso em: 22 jan. 2017.
- FONSECA, C. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 50-59, maio/ago. 2005.
- FURLANETTO, B. H. Da infância sem valor à infância de direitos: diferentes construções conceituais de infância ao longo do tempo histórico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2006. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/892_632.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2017.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GRIEBEL, W.; NIESEL, R. Co-constructing transition into kindergarten and school by children, parentes, and teacher. In: MOYLES, J. **Fundamentos da educação infantil: enfrentando o desafio**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

GUIMARÃES, J. G. M. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: alguns comentários. In: _____. **Pedagogia Cidadã**: cadernos de educação infantil. São Paulo: UNESP, 2003.

KOHAN, W. O. **Infância**: entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KRAMER, Sônia. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. São Paulo: Cortez, 1995.

MARTINS FILHO, A. J. Crianças e adultos: marcas de uma relação. In: _____ et al. **Infância Plural**: crianças do nosso tempo. Porto Alegre: Mediação, 2006.

MENON, A.; CORSO, A. M. **Adaptação infantil**: a relação entre instituição e família. Irati, 2012. Disponível em: <<http://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/165.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

NICOLAU, M. L. M. **A Educação Pré-Escola**: fundamentos e didática. 10. ed. São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, P. da R. G. **O período de adaptação no processo educativo**: um levantamento bibliográfico e metodológico. Campinas, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ et al. **Creches**: crianças, faz-de-conta e cia. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ORTIZ, C. **Adaptação e Acolhimento**: um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição. 2000. Disponível em: <<file:///C:/Users/Win10/Downloads/acolhida-cisele-ortiz.pdf>>. Acesso em: 5 mai. 2017.

PANTALENA, E. S. **O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais**. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. _____. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2006. v. 2. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol2.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

_____. _____. _____. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2014.

RAPOPORT, A.; PICCININI, C. A. O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 81-95, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

REDA, M. G; UJIE, N. T. A Educação Infantil e o Processo de Adaptação: as concepções de educadoras da infância. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9. 2009, Curitiba, 2009. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2009. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2496_1090.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica. Florianópolis: Secretaria de Estado da Educação, 2005.

SEABRA, K.; SOUSA, S. **Educação Infantil**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

UJIE, N. T. Adaptação: o ingresso na educação infantil. In: CONGRESSO NACIONAL DE LEITURA DO BRASIL, 15., 2005, Campinas. **Anais...** Campinas: Unicamp, 2005.